



## IMPLICAÇÕES DO PAPILOMA VÍRUS HUMANO NA SAÚDE DO HOMEM EM UM SERVIÇO DE ATENDIMENTO ESPECIALIZADO NA CIDADE DO RECIFE/PE

Diogo Henrique Mendes da Silva<sup>1</sup>; Marcelo Andrade França<sup>2</sup>; Edneusa Alves de Siqueira<sup>3</sup>; Rêneis Paulo Lima Silva<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Discente curso de Enfermagem do Centro Universitário Estácio do Recife – diogohenrique686@gmail.com

<sup>2</sup>Discente curso de Enfermagem do Centro Universitário Estácio do Recife – marcelo\_franca@outlook.com

<sup>3</sup>Discente curso de Enfermagem do Centro Universitário Estácio do Recife

<sup>4</sup>Enfermeiro. Mestre em Enfermagem pela UPE/UEPB. Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Estácio do Recife - paollolima@gmail.com

### RESUMO

Nos últimos anos, alguns tipos de HPV têm mostrado seu potencial no desenvolvimento de neoplasias nos locais que costumam infectar (períneo, vulva, vagina, colo de útero, ânus, pênis, uretra e saco escrotal). O objetivo foi identificar as implicações do Papiloma Vírus Humano (HPV) na saúde dos homens atendidos em um Serviço de Atendimento Especializado (SAE) na cidade do Recife/PE. Para tanto, elaborou-se uma pesquisa descritiva, transversal, com abordagem quantitativa, usando-se 82 prontuários de homens atendidos num SAE, na cidade Recife/PE, coletados nos meses de outubro a novembro de 2017, usando-se um *checklist* próprio, com 23 perguntas, analisado com estatística descritiva, e iniciado após a aprovação do CEP com Parecer favorável N° 2.349.923. Foi demonstrado que o HPV é frequente entre homens de 20-24 anos, com nível de escolaridade no ensino médio, com moradia alugada e em união estável; sobre o consumo de drogas, os resultados demonstraram a associação do uso com o desenvolvimento do HPV; em relação às regiões corporais mais afetadas, destacamos as lesões na glândula e no corpo do pênis; sobre as ações dos enfermeiros, salientamos que os prontuários não as registraram. Dessa forma, apontamos a necessidade de ampliar os recursos sobre a assistência da enfermagem, assim como incentivar a capacitação profissional do enfermeiro; identificamos também a necessidade de políticas de educação sobre as IST para com a população e a importância de pesquisas voltadas aos grupos mais susceptíveis ao HPV.

**Palavras-chave:** Papillomaviridae. Saúde do homem. Enfermagem. SAE

### ABSTRACT

In recent years, some types of HPV have shown their potential in the development of neoplasms in the sites that usually infect (perineum, vulva, vagina, cervix, anus, penis, urethra and scrotal sac). The objective was to identify the Human Papillomavirus (HPV) implications in the health of the men treated in a Specialized Care Service (SAE) in the city of Recife / PE. A descriptive cross-sectional study was carried out using a quantitative approach using 82 medical records of men attending an SAE in the city of Recife, PE, collected from October to November 2017, using a personal checklist, with 23 questions, analyzed with descriptive statistics, and started after the approval of CEP with favorable opinion No. 2,349,923. It has been demonstrated that HPV is frequent among men aged 20-24 years, with high school education, with rented housing and in a stable union; on drug use, the results demonstrated the association of the use with the development of



HPV; in relation to the most affected body regions, we highlight the lesions in the glans and in the body of the penis; about the actions of nurses, we emphasize that the medical records did not record them. Thus, we point out the need to expand resources on nursing care, as well as to encourage the professional training of nurses; we also identified the need for education policies on STIs with the population and the importance of research aimed at the groups most susceptible to HPV.

**Keywords:** Papillomaviridae. Men's Health. Nursing. SAE.

## INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) estão entre as principais causas de procura dos serviços de saúde no mundo. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015), cerca de 1 milhão de pessoas já adquiriu uma IST e a cada ano 500 milhões de pessoas adquirem uma IST curável (gonorreia, clamídia, sífilis e tricomoníase). Estima-se, por exemplo, que cerca de 530 milhões de pessoas estejam infectadas com o vírus da herpes genital e 290 milhões de mulheres infectadas pelo Papilomavírus Humano. Nesse sentido, o HPV é responsável por 530.000 casos de câncer de colo do útero e 275.000 mortes por ano (OMS, 2017).

As ISTs são frequentemente apontadas como fatores de risco para infecções virais mais graves, como o HIV, pois os indivíduos ficam mais vulneráveis (SILVA, 2016). Essas infecções são causadas por mais de 30 agentes etiológicos (vírus, bactérias, fungos e protozoários), transmitidas de pessoa a pessoa por contato sexual e, de forma eventual, por via sanguínea. Podem se apresentar sob a forma de síndromes: úlceras genitais, corrimento uretral, corrimento vaginal e Doença Inflamatória Pélvica (DIP) (BRASIL, 2015a). Desde a Grécia antiga, vem sendo descrito estudos sobre lesões verrucosas e papilomatosas que acometem a pele. Com o início do século XX, iniciaram-se de forma intensiva pesquisas sobre o papiloma vírus, e em 1933 esse vírus foi isolado como possível agente etiológico de verrugas (LETTO, 2011).

Nos últimos anos, alguns tipos de HPV têm mostrado seu potencial no desenvolvimento de neoplasias nos locais que costumam infectar (períneo, vulva, vagina, colo de útero, ânus, pênis, uretra e saco escrotal). A infecção por HPV possui três classificações (a) latente-diagnóstico, apenas por método biologia molecular; (b) subclínica – não há sintomas clínicos mas há leves alterações que podem ser detectadas por método diagnósticos, como colpo citologia, colposcopia, biopsia e penioscopia. (c) – lesões evidentes ao exame clínico (CARVALHO, 2012).

Apesar do HPV atingir homens e mulheres, culturalmente os homens não são estimulados a se preocuparem com a saúde ou com a higienização íntima, especialmente aqueles circuncidados, fazendo com que aumente o comportamento de risco. Além disso, é importante destacar a resistência por parte do público masculino com a prevenção pois o cuidado com a saúde não é visto como prática regular. Dentro dessa perspectiva, as campanhas e promoções os atendimentos precisam ter como foco não só os grandes grupos populares (mulheres, idosos e crianças) mas também considerar importante refletir e estipular projetos sobre a saúde do homem (BRASIL, 2016).

Logo, a enfermagem tem papel importante junto à população masculina em minimizar barreiras culturais, especialmente a do imaginário social, com ações focadas na Programa Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH). Esse papel busca a captação desses usuários ao serviço, para um cuidar humanizado, possibilitando a resolução dos problemas e acompanhamento do usuário pela equipe de saúde, oferecendo informações e orientação à população-alvo, aos familiares e a comunidade



sobre a promoção, prevenção e tratamento dos agravos e das enfermidades (SILVA *et al.*, 2015).

Destaca-se o papel do (a) enfermeiro (a) no manejo das IST, na Política Nacional da Atenção Básica, que estabelece, entre outras atribuições específicas, a realização de consulta de enfermagem, procedimentos, atividades em grupo e, conforme protocolos ou outras normativas técnicas, a solicitação de exames complementares, a prescrição de medicações e o encaminhamento, quando necessário, de usuários a outros serviços (BRASIL, 2011).

O enfermeiro deve elaborar planos de educação permanente para capacitar profissionais de saúde (técnicos em enfermagem e agente de saúde), mobilizando para uma educação permanente, principalmente na pré-adolescência e adolescência potencializado entre homens e mulheres a possibilidade de negociação do sexo seguro entre parceiros. Deve estimular a equipe, acolher o homem e o jovem de uma forma humanizada para que eles sejam ouvidos com atenção e respeito (MARTINS; MARTINS; FERRAZ, 2013).

Este estudo tem como objetivo identificar as implicações do Papiloma Vírus Humano na saúde dos homens, atendidos em um Serviço Atendimento Especializado (SAE), na cidade do Recife-PE.

## MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado uma pesquisa descritiva, de corte transversal com abordagem quantitativa.

O estudo foi realizado na Policlínica Lessa de Andrade, no mês de outubro de 2017. Esta unidade de saúde fica localizada na cidade do Recife- PE na Estrada dos Remédios, nº 2416, no bairro da Madalena. Funciona como 27 unidades de referência, possui ambulatório especializado de psiquiatria, neurologia, urologia, endocrinologia, dermatologia, cirurgia dermatológica, hematologia, proctologia, fonoaudiologia, hansenologia, tisiopneumologia, alergologia, geriatria, otorrinolaringologia, reumatologia, fisioterapia e infectologia. Possui ainda o Serviço de Atenção Especializada (SAE), referência municipal no atendimento de IST/AIDS e o Centro Especializado do Recife para crianças e adolescentes vítimas de violência.

A população e a amostra da pesquisa foram 84 dos prontuários de homens atendidos no hospital/SAE, elegidos para o estudo com diagnóstico e tratamento de lesões por *Humanus Papiloma Virus* (HPV). A amostra foi intencional, não probabilística e por conveniência.

Como critérios de inclusão, foram adotados os prontuários dos usuários masculinos, com faixa etária de 18 a 60 anos, diagnosticados de lesões por *Humanus Papiloma Virus* (HPV), admitidos para tratamento, de 2011 a 2016, no SAE.

Como critérios de exclusão entraram os prontuários de usuários com diagnóstico efetivo de outras lesões virais, sem diagnóstico fechado para HPV e os de pacientes que fizeram triagem, mas não aderiram ao tratamento, ou os com preenchimento incompleto.

Para a coleta dos dados foi utilizado um formulário, do tipo *checklist*, com 21 perguntas abertas e fechadas, semiestruturado, elaborado pelos autores do estudo. Após a coleta, foi realizada tabulação quantitativa com estatística descritiva simples e análise fatorial, e depois feita a quantificação, em números absolutos e percentual, dos dados usando-se a Planilha Eletrônica do Programa *Microsoft Excel*® 2014, de onde foram confeccionados os gráficos e tabelas que se façam necessários.

Os sujeitos estiveram submetidos a risco mínimo. Até o presente momento não foi encontrado na literatura riscos com a aplicação do método desta pesquisa, em se



tratando de análise de prontuários, onde não houve quaisquer envolvimento entre a pesquisadora e os usuários do SAE analisado.

Os benefícios deste trabalho se deram de forma direta, divulgando a funcionalidade do atendimento a essa população alvo, implicações durante o processo e o papel do enfermeiro no tocante ao processo de tratamento e atendimento as necessidades dessa população. Os dados poderão subsidiar novas pesquisas na área de enfermagem e contribuirá para a práxis como pilar da ciência, pesquisa e extensão voltada e contextualizada para a segurança dos indivíduos.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa – CEP, do Centro Universitário Estácio do Recife, através do número do CAAE: 7800817.0.0000.5640 e Parecer favorável 2.349.923, respeitando-se os conceitos éticos preconizados pela Resolução Nº 466/12 do Ministério da Saúde – MS, que fundamenta os aspectos com pesquisa em seres humanos e a Resolução COFEN Nº 311/2007, que reformula o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem.

Em se tratando de coleta de dados em bases secundárias, a utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, não se fez necessária. Todos os dados pertencentes aos prontuários foram mantidos em sigilo, sem trazer prejuízos ao serviço ou aos indivíduos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados apresentados a seguir pertencem à coleta de dados realizada no mês de outubro de 2017, com 82 (oitenta e dois) prontuários de homens atendidos, no Serviço de Atendimento Especializado (SAE, na Policlínica Lessa de Andrade, na cidade de Recife, Pernambuco, Brasil.



**Tabela 1** – Perfil Sociodemográfico da amostra do estudo, no Serviço de Atendimento Especializado (SAE), na Policlínica Lessa de Andrade, nos anos de 2015 e 2016, em Recife, Pernambuco, 2017.

VARIÁVEL	2015		2016	
	N	%	N	%
<b>FAIXA ETÁRIA (anos)</b>				
15 – 19	13	30	8	21
20 – 24	17	39	15	40
25 – 29	7	16	7	18
30 – 34	4	09	1	03
35 – 39	2	04	3	08
40 – 44	-	-	2	05
45 – 49	1	02	2	05
<b>MORADIA</b>				
Alugada	25	60	20	53
Própria	-	-	2	05
Invasão	13	30	7	18
Abrigo	3	07	1	03
Cedida	3	07	8	21
<b>SITUAÇÃO CONJUGAL</b>				
Solteiro	21	48,0	15	40
Casado	2	04	-	-
União Estável	21	48,0	21	55
Divorciado	-	-	2	05
<b>ESCOLARIDADE</b>				
Ensino Fundamental	42	95,5	16	40
Ensino Médio	2	4,5	22	60
<b>TOTAL</b>	<b>44</b>	<b>100</b>	<b>38</b>	<b>100</b>

Como podemos observar na tabela 1, os dados demonstram uma considerável incidência global do HPV, onde 17(40%) tinham entre 20 e 24 anos e 13(30%) 15 e 19 anos em 2015, 15(40%) com 20 a 24 em 2016. O HPV tem sido considerado atualmente uma das infecções mais frequentes em todo o mundo, acometendo principalmente a população sexualmente ativa (BRASIL, 2015a).

Observa-se, um aumento das relações sexuais de maneira precoce entre os adolescentes, com a elevação do número de parceiros e a ausência do uso de preservativos. O Ministério da Saúde informa que, com relação à prevenção das IST, o uso da camisinha ainda é a principal estratégia para redução das taxas de infecção, funcionando como um método eficaz de contracepção (PINTO, 2012).

No estudo de Miranda *et al.* (2013), realizado com jovens do sexo masculino de 17 a 20 anos, conscritos do Exército Brasileiro, 12,9% relataram já ter tido algum problema relacionado às IST (corrimento uretral, bolhas, feridas ou verrugas no pênis), sendo as taxas mais altas nas regiões Norte e Nordeste.

Ainda de acordo com a tabela 1, verificou-se que, no ano de 2015, o registro da moradia alugada corresponde à 25(60%) casas/aptos. Porém no ano de 2016, houve uma redução para 20(53%) casas/aptos. Segundo dados do censo demográfico do Instituto



Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010, a maioria dos brasileiros vive em domicílios próprios (73,5%), seguido de habitações alugadas (18,0%) e moradias cedidas (7,8%) (IBGE, 2010).

Estima-se que mais de 75% de adultos sexualmente ativos adquiram ao menos um tipo de HPV durante a vida. Neste sentido, sabemos que a falta de moradia adequada é uma das questões de saúde que mais afetam a população, atrelada ao desemprego, violência, falta de educação formal de qualidade e saúde apropriada (PINTO, 2012).

Segundo pesquisa do IBGE (2015) em termos absolutos, as regiões Sudeste e Nordeste registraram os maiores crescimentos, com 343 mil e 274 mil unidades domiciliares, respectivamente, havendo redução de 2,0% de domicílios alugados no país. Pela primeira vez, a série de dados mostra inversão da tendência de elevação dessa proporção desde 2004. Nas regiões Sul e Centro-Oeste, no entanto, houve aumento (2,5% e 1,7%, respectivamente).

Em 2015, o percentual de casais em situação de união estável foi de 52,3% e, em 2016, essa porcentagem chegou a 55,3% (Tabela 1). Tal comportamento observado revela que a condição sexual vem se alterando ao longo dos anos, saindo de um padrão mais tradicional (COSTA, 2013). Apesar da infecção do HPV também ocorrer através do contato direto com a pele ou com a mucosa infectada, a via sexual é a principal forma de contágio. Nesse sentido, mulheres e homens com vários parceiros sexuais possuem uma elevada probabilidade de infecção (SILVA, 2013).

Em relação à escolaridade, os resultados demonstram que, no ano de 2016, o número de indivíduos no ensino médio infectados pelo HPV foi de 22(60%). Nesse sentido, percebe-se o cenário preocupante para os alunos e professores no ambiente escolar, tidos como grupos essenciais para os objetivos das políticas públicas que visam à promoção da saúde da população. A consideração ativa desses grupos tem como objetivo o aprimoramento dos discursos sobre o HPV nesse ambiente (VIEIRA *et al.*, 2015) (Tabela 1).

É importante salientar a necessidade do trabalho de promoção à saúde como ponto de partida. Nas escolas, o serviço deve ser construído a partir do que os professores e funcionários sabem e o que eles podem fazer, seguindo recomendações descritas no caderno do Gestor do Programa de Saúde na Escola (PSE) (KRABBE *et al.*, 2017).

Com o trabalho de educação nas escolas, voltados para um projeto de prevenção e cuidados aos portadores desta patologia, corrobora para a realização de uma assistência à saúde com qualidade. Sabe-se que as Unidades Saúde da Família (USF), juntamente com as unidades do Serviço de Atendimento Especializado (SAE), possuem o papel de detectar de maneira precoce patologias como o HPV, IST HIV e a sífilis, uma vez que trabalham com agendamento e atendimentos de livre demanda. Entretanto, esses serviços não atuam com as condições de considerar os casos citados como emergências.

Logo, cabe ao enfermeiro integrante das unidades do SAE, planejar de acordo com o público-alvo e com a demanda do atendimento, não apenas consultas, mas também palestras e atividades educativas, promovendo um ambiente confiável para os pacientes (CAVALCANTE *et al.*, 2013).

Quando se analisaram os prontuários de homens com histórico de HPV, percebeu-se que no ano de 2015, 21(48%) tiveram a transmissão através do contato genital, enquanto que em 2016, 20(53% de forma oro-genital e 18(47%) tiveram a transmissão por contato genital. Isso nos remete uma diminuição/aumento circunstancial, entre os anos avaliados, provavelmente devido às inúmeras campanhas do Ministério da Saúde sobre o HPV e as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), atualmente chamadas de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).



**Tabela 2** – Dados da amostra do estudo, quanto a forma de Transmissão e Tratamento do HPV, no Serviço de Atendimento Especializado (SAE), na Policlínica Lessa de Andrade, em Recife, Pernambuco, 2017.

VARIÁVEL	2015		2016	
	N	%	N	%
<b>Forma de Transmissão</b>				
Não lembra	13	30	-	-
Contato Genital	<b>21</b>	<b>48</b>	<b>18</b>	<b>47</b>
Contato Orogenital	10	22	<b>20</b>	<b>53</b>
<b>História pregressa de IST</b>				
Sim	10	23	2	05
Não	<b>34</b>	<b>77</b>	<b>36</b>	<b>95</b>
<b>Associação do HPV com outras ISTs</b>				
Sífilis	<b>08</b>	<b>80</b>	<b>19</b>	<b>50</b>
Gonorreia	01	10	-	-
HIV	01	10	<b>19</b>	<b>50</b>
<b>TOTAL</b>	<b>44</b>	<b>100</b>	<b>38</b>	<b>100</b>

N= Nº absoluto; %= Percentual; IST= Infecções Sexualmente Transmissíveis.

O vírus do HPV é altamente contagioso, sendo possível contaminar-se com uma única exposição, e a sua transmissão acontece por contato direto com a pele ou mucosa infectada. A principal forma é pela via sexual, que inclui contato oral-genital, genital-genital ou mesmo manual-genital. Portanto, o contágio com o HPV pode ocorrer mesmo na ausência de penetração vaginal ou anal, podendo haver, também, a transmissão durante o parto (BRASIL, 2014).

Para Montenegro (2014), a mudança do perfil do comportamento sexual da população favorece a contaminação do vírus HPV, além de intensificar o risco da sua fase subsequente, a carcinogênese oral. A prática do sexo oral é uma das principais formas de transmissão do HPV.

As ISTs são causadas por mais de 30 agentes etiológicos (vírus, bactérias, fungos e protozoários), sendo transmitidas, principalmente, por contato sexual e, de forma eventual, por via sanguínea. A transmissão de uma IST ainda pode acontecer da mãe para a criança durante a gestação, o parto ou a amamentação. Essas infecções podem se apresentar sob a forma de síndromes: úlceras genitais, corrimento uretral, corrimento vaginal e doença inflamatória pélvica (BRASIL, 2015a).

Observando-se os prontuários, no campo história pregressa de IST, em 2015, 34(77%) não apresentavam tais registros, e em 2016, esses dados foram para 36(95%) dos indivíduos sem histórico, mostrando menos recidivas ou reinfecções ao longo dos anos estudados. Entretanto, quando se observou a associação do HPV com outras ISTs, evidenciou-se que em 2015 08(80%) e 19(50%) em 2016, eram portadores da sífilis, e apenas para o HIV, foi de 19(50%) indivíduos.

Segundo a *World Health Organization* (2013), mais de um milhão de pessoas adquirem uma IST diariamente. A cada ano, estima-se que 500 milhões de pessoas adquirem uma das IST curáveis (gonorreia, clamídia, sífilis e tricomoníase). Da mesma forma, estima-se que 530 milhões de pessoas estejam infectadas com o vírus do herpes genital (HSV-2, do inglês *Herpes simplex virus* tipo 2) e que mais de 290 milhões de mulheres estejam infectadas pelo HPV.



A sífilis é uma doença crônica que pode ser transmitida sexualmente ou verticalmente, sendo passível de alternar entre períodos de agudização e latência (RIOS, 2012). Embora o tratamento com penicilina seja muito eficaz nas fases iniciais da doença, métodos de prevenção devem ser implementados, pois adquirir sífilis expõe as pessoas a um risco aumentado para outras ISTs, inclusive a síndrome da imunodeficiência humana. O número de casos de sífilis vem aumentando no Brasil e, por isso, todos os profissionais da área da saúde devem estar atentos às suas manifestações (BRASIL, 2015b).

A prevalência da infecção pelo HPV e suas consequências é maior nas pessoas vivendo com HIV/AIDS (PVHA) quando comparadas com pessoas não infectadas pelo HIV. Assim, as mulheres vivendo com HIV/AIDS apresentam elevado risco de desenvolver lesões pré-cancerosas e câncer de colo do útero quando comparadas com mulheres não infectadas pelo HIV (SBIM; SBI, 2017).

**Tabela 3** – Dados referente a uso de álcool e outras drogas, no homem com HPV, em tratamento, na Policlínica Lessa de Andrade, na cidade de Recife/PE, 2017.

VARIÁVEL	2015		2016	
	N	%	N	%
<b>Uso de Álcool e outras drogas</b>				
Sim	43	98	37	97
Não	01	02	01	03
<b>Principais usadas</b>				
Álcool etílico	42	95	35	92
Cigarro	29	66	28	74
Crack	09	21	02	05
Maconha	11	25	10	26
<b>TOTAL</b>	<b>44</b>	<b>100</b>	<b>38</b>	<b>100</b>

De acordo com a tabela 3, verifica-se que no ano de 2015 houve 43(98%) de homens que usavam álcool e outras drogas, e em 2016, esse número sofreu uma redução para 37(97%), relacionado às mesmas substâncias. Para Montenegro (2014), a ação do álcool intensifica o potencial desenvolvimento de câncer. Silva (2012) nota que as pessoas do gênero masculino fazem um uso exagerado do álcool, além de outras drogas lícitas e ilícitas, o que possibilita uma elevada prevalência de problemas cardiovasculares e patologias na próstata.

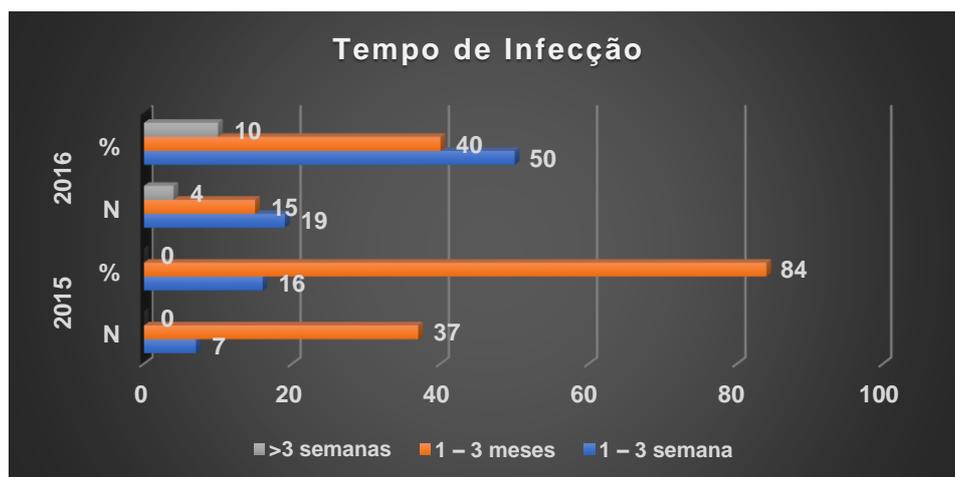
Segundo dados da OMS (2017), cerca de 2 bilhões de pessoas consomem bebidas alcoólicas no mundo. Este índice é quatro vezes maior do que a média mundial, tornando o problema da prevenção e do tratamento dos transtornos relacionados ao consumo do álcool um problema da saúde pública.

Algumas medidas possibilitam o desenvolvimento de um apoio de qualidade para um público que leva o estigma da exclusão perante as unidades de saúde. Essas medidas são: a avaliação dos determinantes sociais, verificação das prevalências de dependência do álcool e de outras drogas, lícita e ilícitas, e o estabelecimento de metas para aumentar a demanda nas unidades especializadas.

Quando se avaliou, os tipos de drogas mais utilizadas pela amostra do estudo, se obteve que 42(86%) ingeriam álcool etílico e 29(66%) fumavam cigarros comuns, no ano de 2015. Já em 2016, o consumo de álcool caiu para 35(92%) e 28(75%) para os que fumavam cigarro comum. Para Letto (2011), devido a uma disfunção na barreira epitelial pós-traumatismo, pequenas agressões ou macerações provocam perda de solução de

continuidade na pele, possibilitando o aparecimento da infecção viral. Conseqüentemente, após a inoculação, o período de incubação varia de três semanas a oito meses, sendo a regressão ocorrida espontaneamente na maioria dos casos.

Tabagismo e consumo de álcool são considerados os principais fatores de risco para o câncer de cavidade oral e orofaringe. No entanto, com a intensificação das campanhas contra o fumo e o álcool, o papel do HPV nos carcinomas de cavidade oral e orofaringe cresceu em importância nos últimos anos. Um número crescente de estudos fala em favor da hipótese de uma associação entre HPV e os carcinomas de cavidade oral e orofaringe (PETITO et al., 2017).



**Figura 1** – Distribuição da amostra, segundo o tempo de infecção da lesão, no prontuários dos Homens com HPV, atendidos na Policlínica Lessa de Andrade, na cidade de Recife/PE, 2017.

Segundo os dados da Figura 1, 37(84%) homens apresentavam as lesões na região genital, entre o período de um a três meses, no ano de 2015. Já em 2016, esse número diminuiu para 19(50%) neste mesmo público apresentando as lesões entre uma e três semanas, já 15(40%) apresentaram as lesões em um intervalo de tempo maior, entre um e três meses. O tempo de latência do vírus e dos fatores associados não são conhecidos, o vírus pode permanecer por muitos anos até o desenvolvimento das lesões. Logo, não é possível estabelecer o intervalo entre esses períodos (BRASIL, 2015a).

Neste contexto, revela-se uma enorme carência na oferta dos serviços de urologia junto às unidades de referências, sendo um fator impactante, no que se refere à procura de uma assistência à saúde pelo público masculino, com o objetivo terapêutico ligado a genitália, tendo em vista que uma das diretrizes do Programa Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) é o acesso e acolhimento à saúde sexual (BRASIL, 2017).

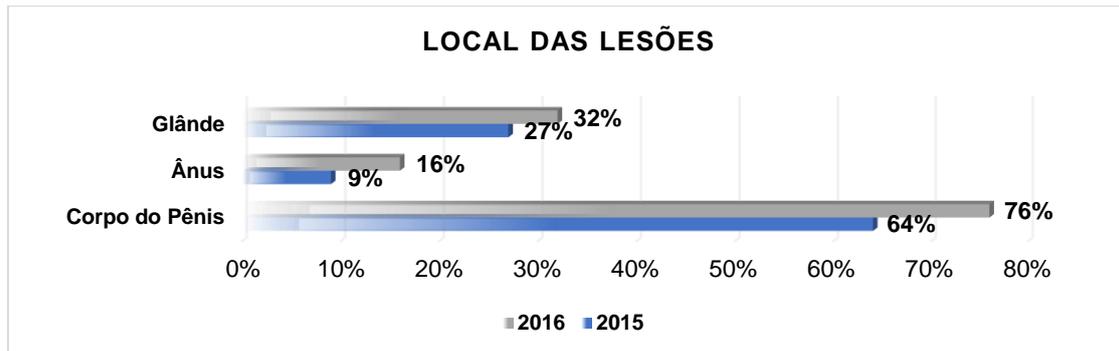
Desse modo, a saúde integral do homem envolve ações de saúde pautadas na compreensão da realidade singular das masculinidades, considerando suas diversas formas de expressão e os determinantes sociais que interferem na saúde dos homens, como contextos socioculturais, políticos, econômicos, territoriais e aspectos como etnia, orientação sexual, identidade de gênero, privação de liberdade, dentre outros (BRASIL, 2017).

A PNAISH busca compreender o universo masculino, suas motivações e dificuldades para realizar a prevenção de doenças. É importante destacar que a referida política preconiza assistir os homens entre 25 a 59 anos, uma parcela preponderante da força produtiva de trabalho, com significativa relevância sociocultural e política. Essa faixa etária, muito embora represente 41,3% da população masculina, e 20% do total da



população brasileira, não estava até então incluída em nenhuma política de saúde nacional (IBGE, 2017).

Vale lembrar a importância da construção de uma postura sensível à problemática, por meio da abordagem de conteúdos técnicos e científicos, para se construir uma assistência integral de acordo com a complexidade do gênero masculino, pois em muitos casos, esses homens adiam a busca às unidades de saúde, permitindo que as lesões avancem em suas manifestações, e em alguns casos, necessitando de cuidados complexos, em outros níveis de atenção à saúde.

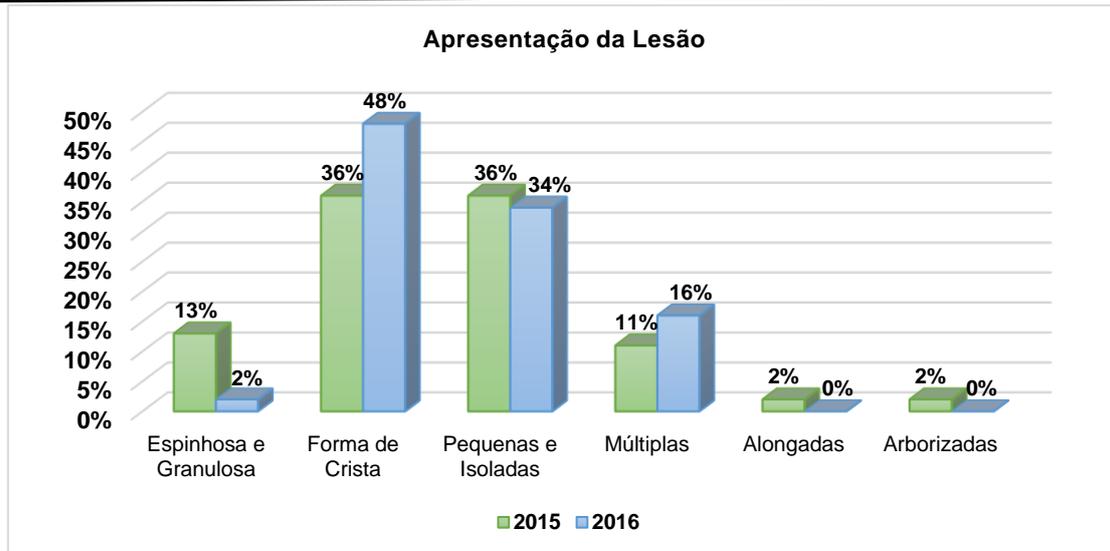


**Figura 2** – Dados referentes a localização das lesões, nos prontuários dos Homens com HPV, atendidos na Policlínica Lessa de Andrade, na cidade de Recife/PE, 2017.

De acordo com a Figura 2, no ano de 2015, 63,5% das lesões encontravam-se no corpo do pênis. Em 2016, este percentual aumentou para 76%, demonstrando uma evolução representativa.

Para Carvalho (2012), o prepúcio e a haste peniana têm uma evolução bastante representativa no acometimento do HPV. Para Brasil (2015a), dentre os anos 2009 e 2013, segundo dados do sistema de informação de mortalidade, houve cerca de 1.767 óbitos por neoplasias do pênis no Brasil. Alguns fatores constituem-se como agravantes para o desenvolvimento do câncer de pênis, como a fimose, baixa renda, hábitos inadequados, má higienização, baixa escolaridade e a resistência dos homens em procura assistência devida.

A partir da criação da PNAISH, os profissionais da enfermagem passaram a incorporar um olhar integral, proporcionando uma assistência eficiente e eficaz (SILVA, 2012). Os profissionais da enfermagem carecem de condições de trabalho para realizar as atividades de maneira plena, como a ausência de uma abordagem sindrômica dos profissionais em unidades especializadas. A assistência aos portadores do HPV torna-se ineficaz em unidades especializadas, a partir de uma conduta esporádica, limitando-se apenas a utilização de protocolos de diagnósticos no momento da consulta e da triagem administrativa.



**Figura 3** – Dados referentes a apresentação das lesões, nos prontuários dos Homens com HPV, atendidos na Policlínica Lessa de Andrade, na cidade de Recife/PE, 2017.

Na Figura 3, registra-se que as lesões incidem com maior frequência na população masculina em forma de crista. Em 2015, essa porcentagem foi de 36,4% e, em 2016, esse percentual chegou a 57,9%. Para Letto (2011), verrugas ou condilomas acuminados são lesões que se apresentam como pápulas, nódulos, vegetações macias, filiformes, róseas ou pedunculadas. Essas lesões são consequências dos HPV de alto risco 16 e 18.

Segundo Cavalcante *et al.* (2013) constata-se que 291 milhões de mulheres no mundo são portadoras de HPV, destas, 32% estão infectadas pelos tipos 16 e 18 ou por ambos, nos quais estão diretamente ligados aos, aproximadamente, 500 mil casos de câncer de colo de útero. Segundo a OMS (2017), mais de 630 milhões de homens e mulheres estão infectadas pelo HPV no mundo. No Brasil, estima-se que há cerca de 9 a 10 milhões de infectados e, a cada ano, 700 mil novos casos aparecem.

## CONCLUSÕES

As amostras apresentadas nos prontuários dos pacientes do gênero masculino revelam que o HPV (Humano Papiloma Vírus), com expressões oligossintomáticas e assintomáticas, é frequente entre pacientes dentro da faixa etária de 20-24 anos, com moradia alugada, em situação de união estável e com nível de escolaridade no ensino médio.

Tratando-se das formas de transmissão, a via contato orogenital destaca-se devido à sua predominância, revelando a necessidade de uma mudança comportamental dos mais atingidos, entre eles, os portados de sífilis. Sobre as regiões corporais mais afetadas pelo vírus, salienta-se o copo do pênis, seguido da glande.

Durante a pesquisa, verificou-se que há um número moderado de registros acerca dos atendimentos aos pacientes infectados no Serviço de Atendimento Especializado (SAE) escolhido. Em 2015, houve o maior número de registros, com 44 atendimentos, seguido de 2016, com 38 atendimentos. A quantidade de registros de pacientes atendidos não se mostrou equiparada à quantidade substancial de artigos científicos elaborados nas áreas da Enfermagem, Medicina e Biomedicina, interessadas na temática.

A pesquisa revelou que as implicações do Humano Papiloma Vírus vêm da falta de eficácia diante de temas da saúde pública relacionados ao homem. Cabe ressaltar que os registros anteriores a 2015 não foram obtidos, pois esse tipo de atendimento não era



registrado. Dessa forma, isso explica o pouco interesse pelo estudo mais amplo da doença. Há poucos dados sobre os aspectos dos pacientes, como procedência, duração de sinais, sintomas e as principais queixas.

Destaca-se, ainda, que não foram encontrados registros sobre as ações prestadas pelo enfermeiro no atendimento ao portador das lesões do HPV. Nesse âmbito, é possível compreender a importância da abordagem sindrômica, a partir de uma nova perspectiva sobre os Serviços de Atendimento Especializado (SAE), com profissionais capacitados e recursos adequados para a assistência.

O Estado e os Municípios devem considerar a importância da elaboração de propagandas permanentes, com o objetivo de despertar novos olhares para estudos e pesquisas voltadas aos grupos mais vulneráveis, parcela que concentra os maiores obstáculos da acessibilidade ao Sistema Único de Saúde. O acesso à informação de qualidade sobre a saúde para os adolescentes deve ser focado no uso dos diversos métodos contraceptivos.

Nesse sentido, ressaltam-se as dificuldades apontadas nas ações para o combate do vírus HPV, que surgem como verdadeiros desafios à assistência da enfermagem para com a população. Entre as dificuldades, destaca-se a falta de recursos humanos e materiais adequados para a prática dos profissionais.

A partir disso, percebe-se a importância da ampliação de recursos e investimento na área da saúde, principalmente nas redes de média complexidade, onde os serviços devem ser resolutivos. Além disso, a importância da capacitação dos profissionais da enfermagem deve ser realizada por meio de cursos e simpósios, havendo uma constante atualização do profissional sobre o HPV e outras IST, pois se tratam de infecções que podem evoluir para novas patologias, tornando o tratamento cada vez mais oneroso para os familiares e para o SUS.

Para melhorar o atual cenário do contágio do HPV e de outras IST, além de levar educação sobre esse assunto aos jovens, é preciso ampliar políticas públicas de vacinação às pessoas não contaminadas pelos vírus.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. 2017. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: Princípios e Diretrizes.**

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde • Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis.** 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças Transmissíveis. Coordenação Geral do Programa Nacional de Imunizações. **Guia Prático sobre o HPV. Guia de Perguntas e Respostas para Profissionais de Saúde.** 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) – Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).** Secretaria de Vigilância a Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Sífilis – Estratégias para Diagnóstico no Brasil.** 2015.



CARVALHO, J. J. M. **Atualização em HPV abordagem científica e multidisciplinar**. 2 Ed. São Paulo: Hunter Books, 2012.

CAVALCANTE, S. A. M.; SILVA, F. B.; MARQUES, C. A. V.; FIGUEIREDO, E. N.; GUTIÉRREZ, M. G. R. Ações do Enfermeiro no rastreamento e Diagnóstico do Câncer de Mama no Brasil. **Revista Brasileira de Cancerologia**, São Paulo, v. 59, n. 3, p. 459-466, 2013.

COSTA, S, et al. Câncer de Pênis: Epidemiologia e Estratégias de Prevenção. **Caderno de Graduação – Ciências Biológicas e da Saúde – FACIPE**, Recife, v.1, n.2, p. 23 – 33, nov 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Evolução da mortalidade. 2017. Disponível em:  
[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tabuadevida/evolucao\\_da\\_mortalidade.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tabuadevida/evolucao_da_mortalidade.shtm)>

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010: Mais da metade dos emigrantes brasileiros são mulheres. Disponível em:  
<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?idnoticia=2017&view=noticia>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Síntese de Indicadores – 2015. Disponível em:  
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>.

KRABBE, et al. Escola; Sexualidade, práticas sexuais e vulnerabilidades para as infecções sexualmente transmissíveis (IST) em: **Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão** vol. 4, nº 1, 2017.

LETTO; M.G.P. et al. Infecção pelo papiloma vírus humano, etiopatogenia, biologia molécula e manifestações clínicas. **An. Bras Dermatol**. 2011; 86(2): 306 – 17.

MARTINS, A.C.N.; MARTINS, A.C.S.; FERRAZ, L.M. Papel do enfermeiro na prevenção de infecção por HPV em adolescentes e jovens. **Convibra**, 2013.

MIRANDA, A. E.; RIBEIRO, D.; REZENDE, E. F. et al. Associação de conhecimento sobre DST e grau de escolaridade entre conscritos em alistamento ao Exército Brasileiro, Brasil, 2007. **Ciênc. Saúde Coletiva** [online], v. 18, n. 2, p. 489-497, 2013.

MONTENEGRO, H.P. VELOSO et al. Papiloma Vírus Humano como fator carcinogênico e co-carcinogênico do Câncer Oral e da Orofaringe. **Ver. Odontol Bras Central** 2014; 23(67).

OMS, Organização Mundial da Saúde. **Folha informativa - HPV e câncer do colo do útero**, 2017. Disponível:  
<[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5634:folha-informativa-hpv-e-cancer-do-colo-do-utero&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5634:folha-informativa-hpv-e-cancer-do-colo-do-utero&Itemid=839)>. Acesso em: maio de 2017.



PETITO, G. et al. Papilomavírus humano (HPV) em carcinomas de cavidade oral e orofaringe na região central do Brasil. **Braz. J. otorhinolaryngol**, vol.83 no.1 São Paulo Jan./Feb. 2017.

PINTO, V: F.C.; BARBOSA, V: F.C.; PAIVA, S.G. Aspectos epidemiológicos e citológicos de infecções pelo papiloma vírus humano (HPV) em adolescentes: Uma revisão. **Revista Científica do ITPAC**, Araguína, v. 5, n. 4, Pub. 4, out 2012.

RIOS, R.R. **Avaliação do conhecimento sobre abordagem sindrômica por enfermeiros da Estratégia Saúde da Família de Goiânia – GO. 2012.** 99j Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Faculdade de Enfermagem – Universidade de Goiás. 2012.

SBIIm. Sociedade Brasileira de Imunização. SBI. Sociedade Brasileira de Infectologia. HIV/Aids. Guia de Imunização. 2017.

SILVA, A.R.; PADILHA, M.I. Acadêmicos de enfermagem e seu autocuidado em relação a doenças sexualmente transmissíveis. **Revista de Enfermagem e Atenção Saúde** [online], jan/jul: 2016; 5(1):36 – 50.

SILVA, A.S.; SOUZA, C.A.; SILVA, K.R. Papilomavírus Humano: Reflexões sobre a importância das estratégias de educação em saúde realizadas pelo enfermeiro. **Periódico Científico do Núcleo de Biociências do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix**, Belo Horizonte, MG, v.02, n.04, Dez de 2012.

SILVA, G.B.S. et al. Autopercepção de Homens Universitários em Relação ao Papiloma Vírus Humano: Um problema a ser considerado na Saúde Pública. Interdisciplinar: **Revista Eletrônica da Univar**. Agosto 2013, nº 10; Vol-2; p. 71 – 77.

SILVA, P.A.S. et. al. A Saúde do Homem na Visão dos Enfermeiros de uma Unidade Básica de saúde. **Ess. Anna Nery** (imp) (2012) jul – set 16(3): 561 – 568.

WHO. World Health Organization. Sexually Transmitted Infections (STIs), **The importance of a renewed commitment to STI prevention and control in achieving global sexual and reproductive health.** 2013.